

O relatório chegou do monte Tantiss durante o período noturno de descanso no *Quimera* e aguardava por Pellaeon quando este chegou à ponte pela manhã. O *Draklor* chegara a Wayland na hora prevista, desembarcara seus passageiros, e partira para o sistema Valrar, de acordo com as ordens. O general Covell recusara-se a assumir o comando até a manhã...

Pellaeon franziu a sobrancelha. *Recusara-se a assumir o comando?* Não parecia uma atitude do general Covell.

— Capitão Pellaeon? Estamos recebendo uma chamada holográfica do coronel Selid, de Wayland — anunciou o oficial de comunicações. — Diz que é urgente.

— Coloque no monitor holográfico de popa — instruiu o capitão, levantando-se e dirigindo-se para lá. — Avise o Grande Almirante... pode deixar.

Interrompeu-se ao avistar Thrawn e Rukh aproximando-se.

— Algo errado, capitão?

— Mensagem urgente de Wayland, senhor — esclareceu Pellaeon, indicando o monitor holográfico, onde a imagem de um oficial imperial aguardava; mesmo a um quarto do tamanho real, percebia-se que o homem estava nervoso.

— Provavelmente C'baoth — previu Thrawn, de mau humor. Caminhou até a imagem. — Coronel Selid, aqui é o Grande Almirante Thrawn. Informe.

— Senhor... lamento informar a morte súbita do general Covell — disse o oficial, em postura rígida.

— Como? — indagou Thrawn.

— Ainda não sabemos, senhor. Aparentemente, ele morreu dormindo. Os médicos ainda estão fazendo testes, mas tudo sugere que grandes porções do cérebro dele foram como que lacradas.

— Não se lacra tecido cerebral, coronel — disse o Grande Almirante. — É preciso haver uma explicação.

— Sim, senhor. Desculpe, mas ainda não temos a resposta.

— E quanto aos outros passageiros?

— Os médicos estão verificando a todos nesse momento — informou Selid. — Até agora, nenhum problema. Na verdade, estão verificando os que ainda estão na guarnição. Os soldados do general Covell... a companhia que chegou no *Draklor* com ele... já havia se dispersado quando ele morreu.

— Como assim? A companhia inteira? Para quê?

— Não sei, senhor. O general Covell deu as ordens na grande reunião, antes de morrer.

— Talvez seja melhor escutarmos essa história desde o início — interrompeu Thrawn. — Conte tudo.

— Sim, senhor. O general Covell e os outros aterrissaram via transporte, há cerca de seis horas. Tentei entregar o comando da guarnição a ele, mas ele recusou-se. Insistiu em conversar com seus soldados em particular num dos refeitórios.

— Que soldados? Toda a guarnição?

— Não, senhor. Só os que o acompanharam no *Draklor*. Disse que tinha ordens especiais para eles.

Pellaeon olhou para o Grande Almirante.

— Seria de se imaginar que ele tivesse tido tempo suficiente para dar as ordens durante o voo.

— Seria o mais lógico — concordou Thrawn.

— Talvez tenha sido idéia de C'baoth, senhor — sugeriu Selid. — Ele esteve ao lado do general desde que os dois desembarcaram. Resmungando, o tempo todo.

— É mesmo? — comentou Thrawn, interessado. Sua voz era calma, mas continha algo que gelou a espinha de Pellaeon. — Onde está o Mestre C'baoth, agora?

— Nos velhos aposentos do Imperador — informou o coronel. — O general Covell insistiu para que o abríssimos.

— Lá ele estaria fora da influência dos ysalamiri? — quis saber o capitão.

Thrawn sacudiu a cabeça.

— Duvido. De acordo com meus cálculos, toda a montanha e a área ao redor deve estar no interior de uma grande bolha na Força. O que

aconteceu depois, coronel?

— O general passou cerca de quinze minutos conversando com seus soldados. Quando saiu, me disse que lhes dera ordens secretas, que tinham vindo diretas do senhor, Grande Almirante. Disse que eu não devia interferir.

— Então eles saíram da montanha?

— Depois de pegar todo o material de um depósito de explosivos — relatou Selid. — Passaram mais duas horas na guarnição, antes de saírem. Segundo o general, estavam se familiarizando com o local. Depois que partiram, C'baoth acompanhou o general até o quarto dele, depois foi levado por dois homens das tropas de choque até o quarto imperial. Coloquei o resto da guarnição de volta à rotina noturna e foi só. Até essa manhã, quando o ordenança encontrou o general.

— Então C'baoth não estava com Covell no momento da morte? — quis saber Thrawn.

— Não, senhor. Embora os médicos não acham que ele tenha vivido muito tempo depois que C'baoth saiu.

— E ele estava até então com o general.

— Sim, senhor.

O capitão olhou de soslaio para o Grande Almirante, que estreitava os olhos, fitando um ponto indefinido.

— Diga-me, coronel, qual sua impressão sobre o general Covell?

— Bem... — Selid hesitou. — Devo confessar que fiquei um pouco desapontado, senhor.

— Como assim?

— Ele não era como eu esperava, Grande Almirante — declarou Selid, parecendo pouco à vontade. Pellaeon não o condenava, pois criticar um superior para o comandante era um ponto delicado. — Ele parecia... acho que *distante* seria a palavra adequada, senhor. Insinuou que meu esquema de segurança não era bom, e disse que faria importantes mudanças, mas não quis dizer nada sobre isso. Na verdade, mal falou comigo durante o tempo em que esteve aqui. Ele também foi seco com todos os oficiais que tentaram falar-lhe. Era privilégio dele, claro, e pode ter sido apenas cansaço. Só que não combinava com o que eu já ouvira sobre a reputação do general.

— De fato, não combina — concordou Thrawn. — O monitor holográfico na velha sala do trono do Imperador está funcionando, coronel?

— Sim, senhor. Embora C'baoth talvez não esteja lá.

— Ele estará. Ligue-me com a sala do trono.

— Sim, senhor.

A imagem do coronel Selid foi substituída pelo símbolo de pausa.

— Acha que C'baoth fez alguma coisa com Covell? — indagou Pellaeon.

— Não vejo outra explicação. Minha estimativa é que nosso amado Mestre Jedi estava tentando controlar a mente de Covell, talvez até substituindo pedaços dela pela própria mente. Quando atingiu a bolha de ysalamiri e perdeu o contato direto, não havia sobrado o suficiente de Covell para mantê-lo vivo muito tempo.

— Compreendo — disse Pellaeon, voltando a cabeça para ocultar a onda de raiva que sentia. Avisara o Grande Almirante sobre o perigo que C'baoth representava. — O que vai fazer a respeito, senhor?

O símbolo de pausa desapareceu antes que Thrawn pudesse responder, porém não apareceu uma imagem padrão, um quarto do tamanho real. Ao invés disso, o rosto de C'baoth, enorme, surgiu sobre eles, fazendo com que Pellaeon recuasse um passo.

Thrawn nem ao menos piscou.

— Bom dia, Mestre C'baoth. Vejo que descobriu a regulação preferida do Imperador no monitor holográfico.

— Grande Almirante Thrawn — respondeu C'baoth, com voz arrogante.

— É assim que recompensa todo o trabalho para realizar suas ambições? Com um ato de traição?

— Se existe traição, é pelo seu lado — respondeu o Grande Almirante.

— O que você fez com o general Covell?

C'baoth ignorou a pergunta.

— A Força não é desafiada com tanta facilidade quanto imagina. E não se esqueça, Grande Almirante, que minha destruição significará a sua própria. Previ isto.

Ele parou de falar e permaneceu olhando os dois. Por um instante Thrawn permaneceu silencioso.

— Já terminou?

C'baoth franziu a sobancelha, o rosto aumentado visivelmente incerto e nervoso. Apesar de ser impressionante, e intimidar os interlocutores, a regulação preferida do Imperador também apresentava seus inconvenientes.

— Por enquanto. Tem alguma coisa a dizer em sua defesa, Grande Almirante Thrawn?

— Não tenho nada do que me defender, Mestre C'baoth. Foi o senhor quem insistiu em partir para Wayland. Agora me diga o que fez com o general Covell, sim?

— Primeiro me devolva a Força.

— Os ysalamiri vão ficar no lugar em que estão. Agora me conte o que fez com o general Covell.

Por um instante os dois se defrontaram. O olhar de C'baoth baixou primeiro e deu a impressão de que iria render-se. Mas seu maxilar projetou-se para a frente e mais uma vez personificou o arrogante Mestre Jedi.

— O general Covell era meu para fazer com ele o que desejasse. Assim como tudo mais em meu Império.

— Obrigado. Era tudo o que eu precisava saber. Coronel Selid?

O rosto monumental foi substituído pelo imagem inteira de Selid.

— Sim, Grande Almirante?

— Em primeiro lugar, coronel, o Mestre C'baoth fica daqui por diante sob prisão. Pode permitir que ele tenha trânsito livre nos aposentos imperiais, e na sala do trono, mas ele não pode sair de lá. Todos os circuitos de controle daquele andar serão desligados, naturalmente. Em segundo lugar, é preciso iniciar uma investigação imediata sobre as atividades dos soldados do general Covell.

— Podíamos perguntar aos próprios soldados, senhor. Devem estar com os comunicadores do equipamento padrão.

— O problema é que não estou certo de poder confiar nas respostas deles — explicou Thrawn. — O que me leva à terceira ordem. Nenhum dos soldados que deixou a montanha sob as ordens do general Covell deve voltar.

— Como, senhor? — indagou Selid, o queixo caído de surpresa.

— Você escutou muito bem. Deve chegar outra nave aí em mais alguns dias e então eles serão retirados do planeta. Porém, sob nenhuma circunstância deve ser permitido que retornem ao interior da montanha.

— Sim, senhor. Mas o que digo a eles, senhor?

— Diga a verdade. Que as ordens vieram do general Covell, e não da minha parte, mas de um traidor do Império. Até que a Inteligência possa descobrir os detalhes, toda a companhia deve ser considerada sob suspeita, como cúmplices de traição.

A palavra deu a impressão de pairar no ar, como um inseto desagradável.

— Compreendido, senhor — disse o coronel Selid.

— Ótimo. Naturalmente o senhor está outra vez exercendo o posto de comandante da guarnição. Mais alguma pergunta?

— Ótimo. Pode providenciar o cumprimento das ordens, coronel. *Quimera* desliga.

A figura dissolveu-se no monitor holográfico.

— Acha que é seguro deixar C’baoth lá, Grande Almirante?

— Não existe nenhum outro lugar mais seguro em todo o Império. Pelo menos, ainda não.

— Não estou entendendo, senhor.

— A utilidade dele para o Império está chegando ao fim, capitão. Entretanto, ele ainda tem um papel a desempenhar na consolidação do poder a longo prazo — disse o Grande Almirante, caminhando pela ponte. Voltou-se para Pellaeon. — C’baoth é louco... nós dois concordamos sobre isso. Porém essa insanidade está apenas na mente. Não no corpo.

O capitão encarou o superior, chocado.

— O senhor pretende *clonar* C’baoth?

— Por quê não? — indagou Thrawn. — Não seria feito no próprio monte Tantiss, dadas as condições. Também não vai demorar tão pouco tempo quanto levamos para clonar pilotos de TIE e técnicos, mas pode ser um projeto delicado. Antevejo levar tal clone até a infância, depois permitir que cresça em ritmo normal por dez ou quinze anos. Sob condições adequadas, naturalmente.

— Compreendo — respondeu Pellaeon, esforçando-se para manter a voz calma. Imaginava um jovem C'baoth solto pela Galáxia. Ou dez, ou cem deles. — E onde o senhor iria estabelecer essa outra estação de clonagem?

— Em algum lugar seguro — disse Thrawn. — Talvez um planeta na Região Desconhecida, onde servi certa vez sob as ordens do Imperador. Você vai instruir a Inteligência para que procurem um local favorável depois que esmagarmos a Rebelião em Bilbringi.

Pellaeon sentiu o lábio mover-se. Recordou-se do ataque a Bilbringi; com essa história de C'baoth, ele quase esquecera o assunto principal do dia. Ou suas reservas em relação a ele.

— Sim, senhor. Mas sou forçado a lembrá-lo de que todas as evidências indicam Tangrene como ponto provável do ataque.

— Estou ciente de todas as evidências, capitão — disse Thrawn. — Apesar disso, eles estarão em Bilbringi.

Ele olhou através da ponte, sem deixar escapar nada. E os tripulantes sabiam disso. Em cada posto, desde os consoles do poço aos laterais, escutaram os sons de homens trabalhando conscientes dessa observação, querendo mostrar serviço.

— E nós também — concluiu o Grande Almirante. — Estabeleça o curso para Bilbringi, capitão. Vamos nos preparar para encontrar nossos convidados.

Wedge bebeu o restante do conteúdo da xícara e recolocou-a no tampo manchado da pequena mesa, olhando ao redor da movimentada cantina de Mumbri Storve. O lugar estava tão cheio quanto uma hora antes, quando ele, Janson e Hobbie haviam chegado, mas a textura da multidão se alterara bastante. A maior parte dos jovens partira, tanto casais quanto pequenos grupos e foram substituídos por frequentadores mais velhos. Os tipos marginais começavam a chegar; o que significava que era hora de saírem.

Seus colegas da Esquadrilha Rogue também sabiam disso.

— Hora de ir? — sugeriu Hobbie, falando alto para se fazer ouvir acima do burburinho.

— Certo — concordou Wedge, levantando-se e procurando no bolso uma moeda para pagar a última rodada.

Era o bolso do traje *civil*. Ele odiava aquela roupa desajeitada, porém não podia andar por ali com o uniforme da Esquadrilha, com distintivo e tudo.

Encontrou uma moeda com o tamanho adequado e enfiou-a na ranhura apropriada ao centro da mesa.

— Onde vamos? — quis saber Janson, espreguiçando-se.

— De volta à base, eu acho.

— Ótimo. Pela hora, a manhã vai chegar cedo demais.

Wedge anuiu e dirigiu-se para a saída. A manhã poderia vir a qualquer hora que quisesse, naturalmente; bem antes dela estariam fora desse planeta, e dirigindo-se para o local combinado, nos estaleiros de Bilbringi.

Passaram entre as mesas, andando devagar por entre a multidão. Um homem alto e magro, de repente, recuou a cadeira sobre os joelhos de Wedge, e mal conseguiu colocar-se em pé, equilibrando-se com precariedade.

— Cuidado — resmungou ele, com voz pastosa, voltando-se para passar um braço pelos ombros de Wedge e apoiando ali o peso do corpo.

— Calma, amigo — pediu o piloto, lutando para equilibrar-se.

Pelo canto do olho, viu Janson aproximar-se pelo outro lado e passar um braço ao redor dele.

— Calma é bom — murmurou o homem com voz alerta e baixa, à medida que o braço apertava os ombros de Wedge.

— Vamos, todos os quatro... com toda a calma, ajudar o pobre bêbado a sair.

Wedge esfriou. Seguido, encurralado e apanhado na armadilha. No espaço de uma manobra de asa-X, a situação passara de uma noite de diversões na cidade a uma encrenca séria. Com seus movimentos e os de Janson tolhidos daquela forma, só restava Hobbie com a mão livre para sacar a arma. E seu atacante certamente não esquecera de trazer apoio.

O homem alto pareceu sentir-lhe a tensão.

— Ei... vá com calma — aconselhou ele, em voz baixa. — Não se lembra de mim?

Wedge franziu a sobancelha, encarando o rosto que se encostava contra o seu. Não parecia familiar, mas em compensação à essa distância



talvez não reconhecesse a própria mãe.

— Devia lembrar?

— Imagino que sim... quando a gente enfrenta um destróier estelar junto com outra pessoa, a gente espera que ele se lembre — disse o estranho, sorrindo. — Em especial quando se está no meio do nada.

Wedge fez força para recordar-se daquela informação, vagamente consciente de que todo o grupo caminhava para a saída. No meio do nada...

De repente, lembrou-se. A Frota *Katana* e o pessoal de Talon Karrde vindo do meio do nada para ajudar contra o Império Recordou-se das apresentações breves e preocupadas a bordo de um cruzador...

— Aves?

— Não foi tão difícil assim, foi? — comentou o outro. — Eu disse que você iria conseguir se tentasse. Agora vamos, sem chamar mais atenção do que já fizemos.

Não parecia haver outra opção. Mas enquanto Wedge movia-se na direção da saída, olhava para todos os lados, procurando algo para sair daquela situação. Karrde e seu pessoal haviam concordado em passar informações para a Nova República, porém estavam longe de serem aliados. E se o Império os tivesse ameaçado... ou oferecido mais dinheiro...

Porém nenhuma oportunidade de escapar apresentou-se antes de atingirem a porta de saída.

— Por aqui — indicou Aves, deixando de representar o bêbado, caminhando pela rua mal iluminada e deserta.

Janson levantou a sobrelanceira na direção de Wedge, que deu de ombros e seguiu Aves. Poderia ser algum tipo de armadilha, mas nesse ponto a curiosidade ultrapassou os vagos temores. Algo estava acontecendo e estava interessado em descobrir o que era.

Não teve de pensar muito sobre o assunto. A dois prédios do Mumbri Storve, Aves virou e desapareceu num beco. Wedge seguiu atrás, de uma certa forma esperando encontrar várias armas apontadas contra ele. Porém Aves estava sozinho.

— E agora? — quis saber Wedge, assim que Janson e Hobbie juntaram-se a eles.

Aves indicou a entrada do beco.

— Fiquem olhando. Se eu estiver certo... lá vem ele.

Um aqualish, com cara de leão-marinho diminuiu a velocidade ao passar. Mudou o passo, de maneira apreciável, ao mesmo tempo que olhava para a pequena travessa. Passou para o outro lado...

Escutaram um som abafado e de repente o aqualish retornou, o corpo inconsciente trazido por dois homens.

— Ele deu algum trabalho?

— Não — respondeu um dos homens, largando o corpo transportado sem muita delicadeza no solo. — Eles não são muito espertos.

— Esse até que era bem espertinho. Dê uma boa olhada nele, Antilles. Talvez da próxima vez reconheça um espião do Império quando encontrar um.

— Um espião do Império?

— Ele vende informações para o Império, de qualquer forma. Tão perigoso quanto se fosse militar.

Wedge tentou manter sua expressão neutra.

— Acho que devíamos agradecer você.

— E verdade. Se não fosse por nossa intervenção, vocês seriam um item suculento no próximo relatório do Império.

— Acho que sim — concedeu Wedge, trocando olhares com Hobbie e Janson. Por outro lado, essa era a idéia. A parte deles para convencer o Grande Almirante Thrawn de que Tangrene era o alvo da Nova República.

— O que pretende fazer com ele?

— Vamos tomar conta dele — afirmou Aves. — Não se preocupe, ele não vai fazer relatórios por algum tempo.

Wedge assentiu. Uma noite por água abaixo. Ainda assim, era bom saber que o pessoal de Karrde estava a seu lado.

— Obrigado outra vez — agradeceu ele, com sinceridade. — Devo uma a você.

Aves inclinou a cabeça.

— Quer pagar sua dívida hoje mesmo?

— Como?

— Temos um pequeno trabalho em andamento — comentou Aves, gesticulando para o alto. — Sei que vocês também. Ajudaria muito se pudéssemos realizá-lo enquanto vocês mantêm Thrawn ocupado.

— Quer que eu diga quando nossa operação começa?

— Por quê não? Como disse, já sabemos que está em andamento. Repetir a atuação de Bel Iblis e tudo o mais.

Wedge olhou para seus pilotos, imaginando se estariam saboreando a ironia da situação tanto quanto ele. Lá estavam eles, com uma noite cheia de sugestões sutis perdida; agora lhes pediam que confirmassem os detalhes de toda a operação. A equipe do coronel Derlin poderia ter feito um trabalho melhor, se tentassem.

— Desculpe, mas você sabe que não posso revelar isso — afirmou ele.

— Por quê, não? — insistiu Aves, cheio de paciência. — Como já disse, temos conhecimento da operação. Podemos provar, se você quiser.

— Não aqui — recusou Wedge. O objetivo era plantar pistas, não despertar suspeitas sendo óbvio. — Alguém pode escutar você.

Janson bateu-lhe no braço.

— Senhor, precisamos voltar. Temos muito trabalho a fazer antes de partirmos.

— Sei disso — assentiu Wedge, agradecido pela intervenção. — Escute, Aves, vou lhe dizer o que faremos. Vai ficar por aqui algum tempo ainda?

— Poderia. Por quê?

— Deixe que eu converse com o comandante da minha unidade. Talvez consiga uma dispensa especial para você.

A expressão de Aves demonstrou o que ele pensava sobre a idéia.

— Vale a pena tentar — afirmou ele, diplomaticamente. — Quando pode conseguir essa resposta?

— Não sei. Ele está tão ocupado quanto o resto de nós. Vou tentar me comunicar com você; mas se não ouvir notícias minhas em vinte e oito horas, não espere mais.

Na penumbra, Wedge teve a impressão de ver Aves sorrir levemente.

— Certo. Acho que é melhor do que nada. Pode deixar mensagens a qualquer hora com o garçom noturno do café Dona Laza.

— Certo. Agora precisamos ir andando. Obrigado outra vez.

Juntos, ele e os dois pilotos saíram do beco e atravessaram a rua. Caminharam dois quarteirões antes de falar.

— Vinte e oito horas — comentou Hobbie. — Foi inteligente.

— Também achei — comentou Wedge modestamente. — Sair daqui nessa hora vai nos levar a Tangrene a tempo para a grande batalha.

— Vamos esperar que ele venda essa informação para o Império — murmurou Janson. Seria uma pena ter perdido a noite toda.

— Ah, ele vai vender, sim. É um contrabandista. Para que mais iria querer a informação?

Wedge pensou na batalha do *Katana*. Talvez fosse isso mesmo a definir Karrde e seu grupo: marginais, vendendo-se pela melhor oferta. Contudo, de alguma forma, ele não acreditava nisso.

— Vamos saber em pouco tempo — disse ele a Hobbie. — Vamos. Como Janson disse, temos muito trabalho a fazer.